

PRÁXIS FREIRIANA COMO RESPOSTA AO RACISMO ESTRUTURAL NO BRASIL

Kelly Cristina Soares Lima (SEDU/ES) – kellyph2014@gmail.com

Josiane Arnholz-Plaster (UFES) – josianearnholz@gmail.com

Gerda Margit Schütz-Foerste (UFES) – gerda.foerste@ufes.br

GT 06 – Práticas educativas no contexto das relações étnico-raciais.

Este trabalho analisa a atualidade do pensamento de Paulo Freire diante da permanência do racismo estrutural no Brasil, tomando a metáfora do “grito sufocado” dos oprimidos como chave interpretativa para compreender como a palavra libertadora, no diálogo, pode desvelar injustiças históricas e mobilizar transformações. A pesquisa busca discutir a potência da educação dialógica para a construção de práticas de enfrentamento às desigualdades raciais, evidenciando a escola como espaço de resistência e de produção de novas práticas curriculares, bem como apontando implicações para a formação docente inicial e continuada. A relevância deste estudo decorre da persistência de desigualdades racializadas e da necessidade de efetivar marcos legais e reparatórios que assegurem dignidade e cidadania às populações negras, o que demanda práticas pedagógicas capazes de romper com a reprodução institucional do racismo. Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica e analítica, fundamentada em uma revisão crítica de autores que discutem o racismo estrutural e a pedagogia crítica, articulando evidências históricas e sociológicas a proposições pedagógicas. O referencial teórico ancora-se em Paulo Freire - especialmente em suas formulações sobre a educação como prática da liberdade, a conscientização e o “Ser mais” - em diálogo com Almeida, Hooks, Munanga, Nascimento, Schwarcz e Gomes, de modo a sustentar a análise sobre a opressão, o papel das instituições e as possibilidades contra-hegemônicas no currículo. Os resultados indicam que a práxis educativa freiriana, ancorada em diálogo, colaboração e síntese cultural, revela-se estratégica para consolidar políticas reparatórias, reconfigurar currículos e fortalecer lutas coletivas por justiça racial. Conclui-se que a escola, quando orientada por práticas dialógicas e por uma formação docente comprometida, constitui um lugar privilegiado de afirmação de identidades, de produção de conhecimento e de superação gradual do racismo estrutural.

Palavras-chave: Racismo estrutural; Educação; Paulo Freire.